

CAPÍTULO I

Gustav Aschenbach ou von Aschenbach, como passara oficialmente a chamar-se desde que fizera cinquenta anos, decidiu sair de sua casa na Prinzregentenstraße em Munique e dar um longo passeio solitário naquela tarde de Primavera de 19..., um ano que há muito assolava o nosso continente com o seu semblante ameaçador. Sobreexcitado pelo trabalho árduo e perigoso das horas matinais, que ainda agora exigia à sua vontade um esforço de vigilância, precaução, insistência e precisão extremas, nem mesmo depois do almoço o escritor conseguira refrear o ímpeto do mecanismo produtor, aquele «motus animi continuus» que segundo Cícero constitui a essência da eloquência, e encontrar o alívio do sono que tão necessário lhe era quando as suas forças roçavam o ponto de esgotamento. E saiu assim para a rua logo depois do chá, na esperança de que o ar livre e algum movimento o recompusessem, propiciando uma tarde proveitosa.

Era o início de Maio e após semanas de tempo húmido e frio chegara um falso Verão. O Jardim Inglês, que só agora recuperava a folhagem, estava abafado como em Agosto e cheio de carros e gente na proximidade da cidade. Em Aumeister, aonde os seus passos o conduziram por caminhos cada vez mais tranquilos, Aschenbach demorou-se um momento a observar a animação popular da esplanada rodeada de coches e fiacres estacionados; quando o sol começava já a declinar, tomou o caminho de regresso a casa por fora do parque, pela estrada aberta em pleno campo, e porque se sentia cansado e em Föhring ameaçava tempestade, esperou junto ao Cemitério Norte pelo eléctrico que o levaria em linha recta de volta à cidade.

Encontrou por acaso a paragem vazia. Não se via carros no pavimento calcetado da Ungererstraße, cujos carris se estendiam reluzentes em direcção a Schwabing, nem na estrada para Föhring; por detrás das cercas das marmorarias, em que as cruces erectas, inscrições tumulares e monumentos fúnebres dispostos para venda formavam um segundo cemitério desabitado, não havia nenhum indício de vida, e o edifício bizantino da capela mortuária em frente jazia em silêncio no reflexo do dia que partia. Na frontaria adornada com cruces gregas e figuras hieráticas em tons claros vê-se ainda inscrições em letras douradas, simetricamente ordenadas, com passagens bíblicas escolhidas para o encontro com a outra vida: «Entraram na morada do Senhor» ou: «Que a luz eterna os ilumine»; e Aschenbach distraiu a sua espera por alguns minutos

A Morte em Veneza

11

na decifração absorta daquelas fórmulas, deixando vaguear o seu olho espiritual pelo misticismo que exalavam, quando o seu devaneio cessou abruptamente ao aperceber-se da presença de um homem, junto ao pórtico e acima das duas bestas apocalípticas que vigiavam a escadaria, cuja aparição um tanto insólita impediu os seus pensamentos numa direcção inteiramente diversa.

Não saberia dizer se saíra pelo portão de bronze do interior da capela ou se tinha subido e lá chegado sem se fazer notar. Não aprofundando demasiado a questão, Aschenbach inclinava-se para a primeira hipótese. De estatura média, magro, cara rapada e um nariz surpreendentemente achatado, o homem pertencia ao tipo ruivo, com uma pele leitosa e coberta de sardas. À primeira vista, nada tinha de bávaro: o panamá que lhe cobria a cabeça, largo e com abas direitas, conferia mesmo ao seu aspecto um cunho exótico e distante. Trazia porém ao ombro a mochila que na província é costume usar, um fato cintado amarelo do que parecia ser pano cru, um sobretudo cinzento no antebraço esquerdo que apoiava no flanco, e na mão direita uma bengala com um pico de ferro que fincava vigorosamente no chão e em cujo arco apoiava as ancas, mantendo os pés cruzados. A cabeça erguida deixava a descoberto a maçã-de-adão forte e nua no pescoço demasiado magro para a camisa desportiva larga; tinha olhos incolores, revestidos por pestanas ruivas e separados por dois enérgicos vincos paralelos inesperadamente apropriados ao nariz curto. Talvez a sua posição

elevada e dominadora contribuísse para esta impressão, mas a sua figura ganhava assim uma imponência feudal, qualquer coisa de temerário ou mesmo selvagem; pois quer o homem tentasse defender-se da luz do sol poente com uma careta, quer se tratasse de uma deformação fisionómica permanente, os seus lábios pareciam demasiado pequenos e completamente retraídos pelos dentes, que arreganhados até às gengivas se destacavam brancos e grandes.

É possível que a sua inspecção do estranho, em parte distraída e em parte inquiridora, pudesse ser lida como uma falta de gentileza; pois de súbito apercebeu-se que este lhe devolvia o olhar de forma tão hostil, tão diretamente nos olhos e com uma intenção tão explícita de levar a situação a um extremo e vergar o seu olhar, que Aschenbach, dolorosamente consciente, se voltou e começou a andar rente às cercas, resolvendo de passagem não voltar a pensar no homem. Esquecera-o no minuto seguinte. Mas a sua imaginação, estimulada pelo exotismo da aparição do estranho ou por qualquer outra influência física ou espiritual, levou-o à desconcertante consciência de uma estranha expansão do seu íntimo, um desassossego errante, uma ânsia adolescente e voraz de distância, uma sensação tão viva, tão nova ou há tanto tempo esquecida e desabituada, que se deixou ficar imóvel, mãos atrás das costas e olhar fixo no chão, interrogando o ser e finalidade daquele sentimento.

Era vontade de viajar, nada mais; mas uma vontade que o atacava, atingindo proporções dolorosas, quase

A Morte em Veneza

13

de alucinação. A sua ânsia tornou-se visionária, a imaginação, animada ainda pelas horas de trabalho, recriou de uma só vez todas as maravilhas e horrores da Terra: e viu, viu uma paisagem tropical sob um céu espesso, um pântano húmido, opulento e insalubre, um ermo primitivo de ilhotas, pauis e rios de lodo — viu os braços peludos de palmeiras erguerem-se ao longe e de perto por entre a vegetação luxuriante, por entre o solo coberto de plantas que brotavam carnudas, desmedidas e aventureiras, viu árvores estranhamente amorfas com raízes que se desprendiam do tronco e atravessavam o ar para se afundarem na terra ou nas águas estagnadas, onde entre reflexos esverdeados flutuavam enormes flores brancas como leite, grandes como pratos, e pássaros exóticos, com asas em corcunda, bicos informes e pernas altas, olhavam imóveis para o lado, viu por entre as hastes nodosas de um canavial a faísca fosforescente dos olhos de um tigre — e sentiu o coração palpitar de terror, um desejo indecifrável. Depois a visão dissipou-se; e com um leve estremecer da cabeça, Aschenbach retomou o seu caminho ao longo das cercas das marmorarias.

Desde que dispunha dos meios para usufruir das vantagens da circulação mundial, passara a considerar as viagens como mera medida higiénica que de vez em quando tolerava contra a sua vontade e inclinação. Demasiado absorvido pelas tarefas que ele próprio e a alma europeia lhe impunham, excessivamente sobrecarregado pelo compromisso da produção, pouco propenso a procurar as distrações da face colorida do